

Agora ele já se arrependia de ter sugerido aquela colaboração. No fundo, só queria fugir daquela mulher louca. Mas mesmo ignorando suas provocações, Taylor não entendia como ela conseguira convencer o velho Tecaio a deixá-la entrar no grupo. Taylor soltou um aviso ríspido: — Fique na linha. Se continuar com essas palhaçadas, eu te jogo daqui pra fora. A bruxa herege sorriu, provocante: — É assim que você trata sua namorada? Ao contrário do esperado, Taylor não explodiu. Foi a garota de Letrinha que ficou vermelha, jogando a colher longe e gritando: — Na-namorada?! Sua desavergonhada! Você já traiu o Imperador, e agora seu destino é ser brinquedo dos deuses do caos! O que saiu da boca dela em seguida foi uma sequência de insultos tão baixos que até Taylor se surpreendeu. Ele quase quis agradecer a moça pela defesa... até ver a bruxa puxar a garota e beijá-la na boca. O resto do pelotão ficou sem reação. Até Roland, sempre discreto, cuspiu: — Pelo Trono Dourado... E saiu correndo para vomitar, como se quisesse expelir até o último trago daquele contato herético. A bruxa riu: — Olha só que vergonha. Depois sussurrou algo no ouvido da garota, que parou de engasgar e fugiu para a cozinha, corada. Taylor, intrigado, perguntou: — O que você fez? Algum feitiço? Ela sorriu: — Só disse que já fiz isso com você. Taylor agarrou a orelha da bruxa e avisou, sério: — Minha equipe não é um bordel. Se continuar perturbando meus soldados, te expulso na hora. Ela riu, como se sentisse prazer na dor: — Como quiser~ Taylor largou ela com um suspiro. Sabia que a mulher era forte em combate, mas, pelo amor do Imperador, ela era insuportável. Ele tentou ignorá-la, pois quanto mais dava corda, pior ela ficava. Levantou o binóculo e avistou a cidade ao longe. Era um assentamento humano, provavelmente de camponeses, os nativos desse mundo. Na verdade, eram só parte do cenário—uma colméia menor. Mais do que uma cidade, era um amontoado de construções iguais, blocos empilhados que formavam arranha-céus, cada centímetro ocupado por famílias inteiras. No Império, as famílias ainda existiam, mas em cubículos de 40 metros quadrados para quatro pessoas ou mais. Ele já vira como viviam—dividindo o espaço em dois andares, espremidos até o teto. Muitos adoeciam. A vida entre campos vazios e apertos extremos deixava a população instável. Aquilo não era melhor que uma colméia. Talvez até pior. E agora, era um banquete para os tiranídeos. O concreto não resistiria às garras dos bichos, que triturariam todos dentro. Uma lata de carne enlatada. Taylor olhou para o Astarte Canibal ao lado: — Acha que ainda tem sobreviventes? O gigante passara tanto tempo na frente do veículo que parecia gostar daquilo. E, depois de aguentar o espaço apertado do transporte, o orgulho não importava mais. Com sua visão apurada, o Canibal respondeu: — Acho que foi esvaziada. Mas seria bom ter sobreviventes... só que há mais tiranídeos do que esperávamos. Taylor concordou: — E eu vi um tiranossauro. Ainda bem que trouxemos os Orks... Mal falou e um barulho ensurdecedor veio da retaguarda. O Grande Chefe Ork surgiu, com uma bandagem branca na cabeça—lembrança dos Guerreiros do Ruído—e gritou: — ESMAGA OS BICHO! Seus seguidores responderam: — ESMAGA! — WAAAAAGH! Taylor tapou os ouvidos: — Eles são insuportáveis! Mas então, do outro lado, um metal pesado estrondou ainda mais alto. Os gigantes roxos nos veículos ligaram seus alto-falantes em volume de tímpano estourado: — PELO IMPERADOR! HAHAHA! Taylor sentiu a cabeça latejar. Pela primeira vez, percebeu o quão idiota seu plano era. Barulho + barulho só podia significar uma coisa: UM INFERNO. Ele queria xingar, mas já era tarde—os tiranídeos vinham em massa. Centenas? Não, MILHARES. Corriam em direção ao banquete de biomassa. Taylor soltou um grito agudo e atirou com sua arma de plasma, juntando-se à sinfonia de destruição. E assim começou a batalha mais absurda possível. Capítulo 130: Sem Escapa (Parte 2) A máquina de guerra ork avançou, arremessando tiranídeos para os lados. Os verdes vibravam enquanto a enxurrada de corpos voava. Do outro lado, os Guerreiros do Ruído caçavam dos tanques Predadores. As ondas sonoras perfuravam até as carapaças mais resistentes—e os bichos caíam como palha. A cena era tão satisfatória que até Taylor, normalmente cauteloso, ficou animado para atirar. Por enquanto, estavam arrasando. Sua ideia de usar as forças do Caos parecia acertada. Mas ele sabia: o pior ainda estava por vir. A coluna entrou na cidade em ruínas. Prédios destruídos, nem um corpo à vista—só o banquete já consumido. O silêncio era gélido e perturbador, interrompido apenas pelo som arrepiante dos cascos quitinosos dos insetos se arrastando sobre os escombros. Parecia o som de instrumentos feitos de ossos sendo tocados suavemente. Era nojento. O Frankenstein de Taylor

avançava lentamente na retaguarda do comboio, enquanto os estalidos inquietantes deixavam todos tensos. Um guerreiro dos Tubarões Devoradores comentou: — Parece que chegamos tarde, mas a maioria dos insetos já foi eliminada. Não devíamos ficar aqui por muito tempo. — Pelo Trono, já enfraquecemos o enxame. Taylor concordou. Afinal, ele não queria ficar muito tempo nessa missão. Mas também queria procurar sobreviventes. A ideia de civis inocentes do Império ainda lutando por vida naquele lugar horrível era sufocante. Depois de um conflito interno, Taylor decidiu ordenar a retirada, o que deixou muitos orks insatisfeitos. O líder do Clã Goff resmungou: — Chefe... você tá com medo? Era um truque barato, mas Taylor respondeu na hora: — Sim, tô com medo! A resposta direta deixou o ork confuso. Depois de um silêncio breve, o líder Goff acabou obedecendo. Ele sabia que, seguindo aquele homem, sempre haveria luta. O líder Goff se acalmou, e o guerreiro dos Tubarões Devoradores observou tudo, impressionado. Ele já havia lidado com orks antes — na verdade, conhecia bem essa raça espalhada pela galáxia. Talvez Taylor realmente tivesse algo inexplicavelmente grandioso? Hesitante, o Astartes perguntou: — Sobre isso... você poderia me ensinar? Taylor ficou confuso. O que ele poderia ensinar a um Astarte? Depois de pensar um pouco, ele respondeu, incerto: — O que você quer aprender? O guerreiro respondeu: — Quero que os orks limpem minhas botas. Taylor refletiu. — Bem, você teria que deixá-los satisfeitos... mas teria que aceitar que eles podem se voltar contra você a qualquer momento... Ele foi perdendo a confiança ao olhar para o bíceps do líder Goff, mais largo que sua própria cabeça. Será que ele realmente controlava aqueles orks? O líder Goff, sentindo o olhar de Taylor, imediatamente lançou um olhar de "lealdade" que mais parecia uma ameaça. Taylor se assustou e, gaguejando, disse ao Astarte: — Talvez... eu nunca os tenha domado. — Eles só estão fazendo o que gostam, só isso. O Astarte acenou levemente, como se tivesse entendido. Agora, só precisava arranjar alguns orks para testar. Mas... Ele ergueu sua bolter, desgastada pela batalha e sem manutenção. Primeiro, precisava sobreviver. Os estalidos começaram a ficar mais frequentes, e Taylor foi um dos primeiros a perceber. Eles rapidamente entraram em posição de combate, cercados na rua aberta. Aquele não era o lugar ideal para enfrentar o enxame. O terreno complexo e os prédios eram o paraíso para aquelas criaturas. Elas começaram a usar táticas de guerrilha, atacando por todos os lados. Claramente, não eram apenas bestas, como muitos pensavam — tinham noção de emboscada. Quando orks e soldados da Guarda Imperial começaram a cair, a atmosfera ficou ainda mais pesada. Depois que algumas guerreiras-inseto atacaram por trás com espinhos ósseos, alguns orks não aguentaram e saíram correndo, gritando "Waaagh!", em direção ao inimigo. Mas logo foram crivados por dezenas de espinhos. As feridas não eram fatais, mas os orks demoraram minutos para morrer. Taylor resmungou: — Isso é tortura! O líder Goff bateu no peito e berrou: — Eu quero Waaagh! Mas um espinho perfurou seu chapéu, e seu músculo verde esfriou rapidamente diante do medo da morte. O guerreiro dos Tubarões Devoradores brincou: — Elas são como os Corvos Sombrios ou os Senhores da Noite... só que mais selvagens e pequenas. Taylor suspirou. Ele não gostava de combates em áreas urbanas justamente por isso. Precisava pensar em uma solução, ou estariam perdidos... Foi quando uma voz preguiçosa ecoou de dentro do veículo: — O que foi, encontrou problemas? Era uma voz doce, como o cheiro de laranja, que fazia os ossos derreterem. Taylor respondeu: — Sim, minha ilustre dama. Seria ótimo se você tivesse alguma ideia... Ela saiu do veículo, sorrindo, e disse: — Minha energia psíquica pode criar um escudo para nos levar daqui. Se chegarmos a um terreno aberto, ficará mais fácil, não é? Taylor ficou radiante. Pela primeira vez, achou que poderes psíquicos eram a melhor coisa do universo!